

4491 (L)

L.

LAGRIMAS DE PORTUGAL

NA SAUDOSISSIMA MORTE

D A

AUGUSTISSIMA SENHORA

DONA MARIA PRIMEIRA,

RAINHA DE PORTUGAL.



L I S B O A :
NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1816.

Com Licença.

Vende-se na Ribeira Velha junto ao Adro da Conceição.

S O N E T O.

AQUELLA d'entre nós tão venerada,
Que invencível devia ser á morte,
Aquella que venceo em guerra forte,
Do pestilente vicio o monstro irado:

Aquella de Virtudes adornada,
Que hoje goza no Ceo mais feliz sorte,
Aquella que do bem foi sempre o norte,
Que para fazer mal nunca era achada:

Aquella sem igual, a Sabia, a Justa,
Das RAINHAS modélo o mais inteiro,
Mais Piedosa do que Tito, e do que Augusto:

De JOSE', e de MARIA a primeira Herdeira,
Da vida nos levou o fado injusto,
Dos pobres Mãi fiel, Mãi verdadeira.

 O D E.

DE rigido diamante, ou rijo bronze
 Que peito despiedado
 Não estalla de dôr na infausta morte
 De tão Amavel RAINHA?
 Melpomene Sagrada, que presides
 A luctuosos Hymnos,
 Tristes Nenas me ensina brandas queixas
 Na destemp'rada Lyra!
 MARIA! Cara MARIA! RAINHA amada,
 Modélo de Virtudes!
 A nossos olhos de chorar cançados,
 Em que lugar te escondes,
 Que os quebrados gemidos não escutes
 Do teu afflicto Povo!
 De nada valle o nosso ardente affecto!
 As enrolladas nuvens

De crespo fumo dos cavados bronzes,
 Desconcertadas vozes
 De roucas tubas, de saudosas caixas,
 Em funeral dispostas
 Tristes fileiras, esquadrões sentidos,
 O tropel dos Etontes
 De luctuosas vestes carregados;
 (Lugubres apparatus
 Da lastimosa, irreparavel perda)
 Mudamente nos mostra
 Que erguida Campa já teus ossos cobre!
 Ah! Lisia desgraçada,
 Que profundo lethargo te sepulta!
 Que destino cruento
 Da tua alta ventura em flôr decepa
 A dourada esperança!
 Qual dos Pastores teus na Libia ardente,
 Entre fêras gerado,
 Em raiva acezo, atassalhou mordendo
 As entranhas paternas,
 No verde negro sangue as mãos lavando?
 Ou qual novo Gigante,
 Infame espada contra os Ceos erguendo,
 Accumulou montanhas,
 Para dô Sacro Empyreo apoderar-se!

Ah! Lisia desgraçada,
 Que profundo lethargo te sepulta!
 Jámais verão teus campos
 A Primogenita, e querida Filha
 De JOSE', e de MARIA,
 De quem sempre seguio constante os passos:
 Mais que Tito, e Pompilio
 Da Lusitana gente he suspirada!
 De toda a parte cruzão
 Fallanges de gemidos lastimosos!
 Pelas praças chorando
 O fiel Povo, tristes ais levanta
 A' morada Celeste,
 Pedindo aos Ceos a Mãi que a Patria chora!
 Ah! Lisia desgraçada,
 Que profundo lethargo te sepulta!
 O sabio, o nobre, o rude,
 O robusto mancebo, o velho curvo
 Assim como pasmados,
 Huns aos outros contando o triste caso,
 De pranto o rosto banhão:
 E nesta triste, lastimosa scena,
 Até se nos figura
 Saudosa voz chamar Seu Nome Augusto!
 Então alli recorda

O Soldado , chorando , o bem perdido ;
 O seculo dourado ,
 Em que veria na fiel ballança
 Equilibrar o premio
 Dos honrados serviços , que fizera :
 Que então na Foz do Téjo ,
 As Lusitanas Quinas tremulando ,
 Boiantes , curvos lenhos
 Se verião entrar , de palmas cheios
 No Ganges arrancadas :
 Dos Manoeis , e Joãos renasceria
 O bellicoso tempo ,
 Em que o Portuguez nome era temido
 No antigo , e novo Mundo :
 Ao mesmo passo , que Immortaes Sciencias ,
 Dos Altos Ceos baixando ,
 Trarião para ornar a regia fronte
 Refulgentes Coroas !
 Porém de tantos bens dignos não fomos !
 Maldita seja a culpa
 Do Pai primeiro , donde a morte herdamos ,
 Hidropico dezejo
 De querer igualar quem tudo sabe ;
 Tu nos levas aquella
 Que soube triunfar dos torpes vícios ,

Da impolada soberba,
 Que em torno gyra dos dourados Thronos.
 Os Cajados, e Sceptros
 Tu reduces a pó, que o vento leva!
 Não valerão contigo
 Virtudes pessoaes, engenho raro,
 Penetração sublime,
 Com que sempre buscou seguir os passos
 De seu Pai invicto,
 JOSE' Primeiro, das Nações amado!
 Mas onde me arebata
 De Vassallo fiel o amor ardente?
 Nas azas do tormento
 Debalde voão nossos ais cançados:
 Espirito Divino,
 Que na Eterna Sion o nome cantas.
 Do Senhor dos Exercitos,
 Junto aos maiores teus, que em paz descansão,
 Já que em triste orfandade
 Deixaste o Povo, que por ti suspira,
 Ouve as supplicas justas
 Do Povo, que na vida tanto amaste:
 Ao Ente Poderozo,
 Que o Throno occupa de brilhantes luzes,
 A preciosa vida

Roga daquelle, que por ti deixaste,
Em que vemos gravadas
Tuas mesmas Virtudes scintilantes:
João Augusto, Amavel,
Esperança da Lusa Monarquia,
Do Braganção Estado,
Por quem veremos dilatada a Prole,
A Prole sempre invicta.

F I M.